

Conheci Innocenzo Gadotti, nos anos 70, em Genebra. Foi, no exílio, correndo mundo, enquanto conselheiro especial do World Council of Churches e fazendo seu doutoramento na Universidade de Genebra. Nos encontrávamos semanalmente em meu escritório, entregando-nos a uma conversa aberta, a um diálogo crítico em torno de alguns dos temas que ele trata, lucidamente, neste que é o melhor de seus livros. Na verdade, *Pedagogia da Maxis* não é um livro de quem se esconde ou esconde mas de quem arriscadamente desoculta e, ao fazê-lo, explica as razões por que se opacizam acontecimentos e verdades. Mais ainda, é um livro em que o filósofo inquieto convive com o historiador arguto e atento. Nenhum diálogo entre o pensador que reflete profundamente e o historiador que localiza tempo-espacialmente o objeto da reflexão. Historiador e filósofo trabalham juntos sem darem concessões fáceis de que resultaria a negação de um ou de outro. Pelo contrário, dialogam, para poder iluminar com precisão o objeto que os incita e que a eles, historiador e filósofo, se entrega para ser desvelado.

O discurso, por outro lado, e a linguagem as vezes um tempo desveladora e não arrogante com que Gadotti o constrói, para mim o situa como um pensador progressivamente pós-moderno. Um pensador que, para ter verdades, sabe que é preciso delas não estar demasiadamente certo. Que há certeza a não ser na incerteza do que parece absolutamente certo.

A propósito de minhas experiências nesta época, ver *Pedagogia of Hope - Continuum - New York, 1993*

Da mesma forma como Gadamer, com certeza, não nega o pensador nem o historiador que atuam nele, é fundamental que seu leitor se experimente, ao estudá-lo, assim também. Que aceite o seu convite para, pensar do objeto, situá-lo e datá-lo. Não é possível situar ou datar um objeto sem compreendê-lo na sua razão de ser.

A Pedagogia da Praxis, como qualquer livro, não pode ser lido, estudado, com precauções, mas com o fogo da curiosidade e não apenas da curiosidade espontânea e não utilitária de quem se sente atraído por uma coisa mais forte, por uma forma mais marcante, mas por uma curiosidade epistemológica - a que nos move à procura da razão d'être do objeto.

Uma das notas positivas que caracterizam este livro é que, tendo em texto ensado, "possuidor de unidade", dono de uma certa cara, apertado numa certa posição, não transpira, porém, arrogância. Não fingere, sequer, que a face é a única cara, que fora da sua verdade não há salvação. Mais uma vez a sua pós-modernidade. O que o texto deixa nas entrelinhas é a esperança de quem antes em seu leitor - ^{Também} e leitoras se assumam ^{Também} como produtores da compreensão de seu texto, em lugar de simplesmente a procurarem como algo que ele tivesse deixado para ser descoberto por eles e por eles.

Finalmente, uma palavra a mais e agora

Sobre a minha maneira de escrever prefácios,
 que não é a melhor nem a pior, mas a minha.
 Como fazedor deste ou daquele prefácio, si-
 to ~~para~~ a minha tarefa como a de ^{simplesmente} ~~simplesmente~~ ⁸⁴ ~~com~~ ²
 vida, os prováveis leitores a assumir sua in-
 timidade com o livro. A se comprometerem
 com a "re-escrita" do livro. E como respei-
 to leitores e leitores e a mim também, ja-
 mais os convidaria a re-entregar o um livro
 por me parecerse um desenhado, a não
 ser por expressando o meu sentimento.
 E como isto não teria sentido, prefiro, nes-
 tes casos, recusar a tarefa.

A Pedagogia da praxis, pelo contrário, me
 encanta.

Sao Paulo
 agosto - 1993.